

---

## REMINISCÊNCIAS DO INCONCLUSO EM *K*, *RELATO DE UMA BUSCA*

Gabriela de Oliveira Guedes  
Orientadora: Lucia Helena  
Mestranda

### RESUMO

Bakhtin, em *Questões de literatura e de estética*, teorizou a respeito dos romances constituídos a partir da memória como um fenômeno entretido por meio do diálogo. Sendo assim, um romance de base memorialista poderia ser concebido como “fenômeno pluriestilístico, plurilíngue e plurivocal”. A comunicação a ser apresentada, analisa o livro *K*, relato de uma busca, de Bernardo Kucinski. Concebendo-se que sua narrativa trata do alcance da enunciação romanesca como forma de trazer a lume um discurso em dialogismo que entrelaça a capacidade literária de narrar e tramar os conflitos internos de parte da população brasileira decorrentes dos traumas. Estes foram provocados pelos governos militares (de 1964 a 1985), que censuraram duramente o exercício da liberdade de expressão e a construção destemida da identidade pessoal e das opções políticas, existenciais e estéticas. Esta comunicação propõe, portanto, uma leitura de *K*. relato de uma busca não como simples denúncia, mas como obra que agudamente enlaça memória, denúncia sutil e ficcionalidade, na conversão do fato em ficção.

**PALAVRAS-CHAVE:** Romance memorialista; Ditadura militar brasileira; Trauma.

O livro *K. – Relato de uma busca* (2011), estudado durante uma das matérias de mestrado realizada no primeiro semestre, permitiu que elaborássemos algumas questões que o atravessam. Este artigo é uma adaptação das discussões efetuadas em sala acrescida das leituras empreendidas após o término do curso.

Procurarei pensar esse romance a partir de uma concepção que o perceberia como um fenômeno entretecido por meio do diálogo, de modo que haja um enlace entre memória, denúncia e a conversão do fato em ficção.

A Literatura é uma manifestação artística capaz de informar, expor e explicitar as ações humanas, sua história, existência, angústia e necessidades. Por meio de suas diversas funções podem-se fazer leituras do retrato social de épocas, sociedades e suas relações com os indivíduos e de que modo esses eram afetados pelos acontecimentos de seu tempo.

O século XX trouxe avanços tecnológicos, econômicos e episódios nefastos que ficaram marcados na memória dos sobreviventes das guerras pelo poder e pela ganância. O recorte que faço neste estudo é delimitado pela literatura de testemunho produzida, principalmente, pelos familiares dos desaparecidos políticos.

A ditadura militar brasileira, que iniciou em 1964 e teve seus anos de chumbo entre 1968 e 1979, quando iniciou o processo da anistia, deixou inúmeras famílias desamparadas e desmembradas pela conjuntura política adotada pelos militares – um sorvedouro de pessoas. Vê-se em alguns textos a tentativa fecunda de equacionar, por meio da linguagem, a perda sofrida, em uma tentativa de recuperar-se das feridas causadas pelo regime e de obter respostas para todos os questionamentos que surgem desta sociedade marcada pelo autoritarismo.

## **O ROMANCE**

A narrativa sensível de Bernardo Kucinski é composta de capítulos quase independentes, apresentando diversos ângulos sobre um mesmo tema: a ausência e a impunidade. O senhor K., personagem central do romance, percorre o caminho doloroso em busca de informações a respeito do desaparecimento de sua filha cujo sumiço dá-se durante o regime militar. Diversas vozes permeiam o relato maior – a dor de K – e essas, em um efeito de polifonia, conferem pontos de vistas divergentes e densidade à história central. A desapareição de Ana Rosa Kucinski, professora de química da USP,

inicia o angustiante percurso de Majer Kucinski: primeiro para encontrar sua filha viva, depois para ter o direito de realizar o enterro de seus restos mortais.

Ao adentrarmos essa narrativa resgatamos na memória os fatos que se encontravam registrados sobre esse período nefasto da história brasileira para que uma reflexão mais profunda seja realizada:

(...) (A narrativa) abrange tanto a denúncia da barbárie e das atrocidades por ele (o inimigo) cometidas como a reconstituição do rosto desfigurado dos mortos, os quais tentaram, no passado, construir uma vida diversa da do atual presente. Narrar as ruínas dessa tentativa é um modo de atualizá-las (SELINGMANN-SILVA, 2001, p.366).

Classificar o romance como um simples testemunho ou uma obra ficcional? Essa resposta fica bem esclarecida já na observação feita por Bernardo Kucinski, no prefácio, dirigida ao leitor: “Tudo nesse livro é invenção, mas quase tudo aconteceu”. O fato dessa narrativa apresentar uma variedade de colaboradores com a repressão em suas páginas - desde agentes diretos, como um torturador, até juízes de tribunais e donos de redes de televisão, passando por informantes e professores da Universidade de São Paulo – permite-nos que uma análise mais acurada e uma verdadeira busca pelos esquemas defendidos durante o regime sejam realizadas pelos leitores, mesmo tratando-se de uma ficção alimentada pela realidade e veracidade da história que alimenta a matéria prima da narrativa.

## **A POLIFONIA EM K. RELATO DE UMA BUSCA**

A tese central Bakhtiniana afirma que o romance é uma “uma diversidade social de linguagens organizadas artisticamente, às vezes de línguas e de vozes individuais” (BAKHTIN, 1993, p. 74). Esse axioma considera o romance como um modelo verbal social, que exemplifica o encontro e o conflito entre diferentes atitudes sociais, e não de atitudes individuais. O romance pode apresentar uma “imagem da gama de pontos de vista mantida (ou atual) na sociedade [sotsial’nogokrugozora], a imagem de um ideologema social” (BAKHTIN, 1993, p. 155).

Paulo Bezerra, tradutor e crítico literário brasileiro, ao falar sobre a polifonia Bakhtiniana apresenta a seguinte definição:

O dialogismo e a polifonia estão vinculadas à natureza ampla e multifacetada do universo romanesco, ao seu povoamento por um grande número de personagens, à capacidade do romancista para recriar a riqueza dos seres e caracteres humanos traduzida na multiplicidade de vozes da vida social, cultural e ideológica representada. (BEZERRA, 2012, p. 196).

O autor Kucinski utilizar-se-á dessa faceta dialógica do romance para a construção de sua obra. O uso do recurso da pluridiscursividade é aproveitado em suas histórias por meio das diversas situações narradas e dos personagens representados que possuem suas próprias vozes discursivas dando tom aos diferentes episódios descritos:

Ora, é pelo diálogo que as personagens se comunicam entre si, com o outro, se abrem para ele, revelam suas personalidades, suas opiniões e ideias, mostram-se sujeitos de sua visão de mundo, sujeitos esses cuja imagem o autor do romance polifônico constrói de sua posição distanciada, dando-lhes o máximo de autonomia, sem lhes definir a consciência à revelia deles, deixando que eles mesmos se definam no diálogo com outros sujeitos-consciências, pois os sente a seu lado e à sua frente dialogando com ele (SARTRE, 1989, p. 21).

Kucinski, no capítulo intitulado A ABERTURA, permite que o personagem se expresse com autonomia e individualidade, pois o reconhece como um sujeito com sua imiscibilidade que pouco ou nada tem em comum com o autor. Esse processo é possível por conta do caráter polifônico de seu romance, como vemos em:

Mineirinho, traz o Fogaça lá da carceragem, vou dar um servicinho para esse malandro, depois solto ele. Diga para a custódia que ele vai sair. Manda ele se arrumar, pegar as coisas dele. Esses filhos da puta pensam que eu tenho medo de figurão. Não tenho medo de figurão porra nenhuma. Pode ser esse canalha do Golbery que agora quer dar uma de bacana, pode ser o presidente da República, pode ser o papa, pode ser esse senador americano de merda, eu estou é cagando para eles todos. Me deram carta branca, que era para acabar com os comunistas, não deram? Acabei com eles, não acabei? Então que não encham o saco. E daí que o velho falou com esse senador, que entregou carta, que tão pressionando – vão pressionar na puta que os pariu (KUCINSKI, 2011. p. 69).

Ao apresentar um personagem como esse, em um de seus capítulos, podemos depreender as diferenças de posturas individuais nos anos ditatoriais (uns posicionavam-se a favor do sistema, mas contra as torturas perpetradas, outros justificavam suas atitudes baseados na ordem de combate aos comunistas). Havia os engajados, os alienados, os descrentes, os inocentes etc., cujas posturas serão construídas, ou desconstruídas, nas páginas desse livro ao incorporar vozes diversas daquele período conturbado de nossa história. Cada uma dessas vozes possui multiplicidades de nuances que expõem incertezas, impõem verdades subjetivas e compartilhadas por uma nação.

Para a obra tornar-se completa, exige-se o ato da leitura, para que, com a participação do leitor, com seus valores; sensibilidades; conhecimentos; e preconceitos etc., a obra possa existir a partir da liberdade da leitura feita por aquele que lê o texto. Este relacionamento autor-leitor propõe um engajamento reflexivo entre o contexto social de então e os posicionamentos de cada participante-personagem desse contexto plurivocal. Para Sartre, a tarefa do escritor dentro do contexto de uma obra engajada, é

fazer com que “ninguém possa ignorar o mundo e se considerar inocente diante dele”.

Isso acontece pois

Falar é agir; uma coisa nomeada não é mais inteiramente a mesma, perdeu a sua inocência. Nomeando a conduta de um indivíduo, nós a revelamos a ele; ele se vê. E como ao mesmo tempo a nomeamos para todos os outros, no momento em que ele se vê, sabe que está sendo visto; seu gesto furtivo, que dele passava despercebido, passa a existir enormemente, a existir para todos, integra-se ao espírito objetivo, assume dimensões novas, é recuperado (BERNARDO, 2010, p. 224).

No capítulo intitulado OS INFORMANTES, tomamos conhecimento de um grupo específico cujo tipo aparentemente é bom indivíduo, de qualidades morais, composto por cidadãos de bem, quando na verdade, encobertos por suas aparentes solenidades, escondem sua sordidez.

Além do mundo que se vê e nos acalma com seus bons-dias boas-tardes, como vai tudo bem, há um outro que não se deixa ver, um mundo de obscenidades e vilanias. É nele que vicejam os informantes. Não fosse o sequestro da filha, K. nunca teria percebido esse outro mundo tão perto de si. No entanto, eles sempre ali estiveram, sorrateiros, os informantes da polícia. Mas terminado o trabalho, o decorador o convida a um café. Na padaria rente ao balcão, segreda-lhe que tem amigos na polícia.

Espantoso, Caio informante da polícia.

No dia seguinte, aparece na loja o Amadeu, dono da padaria. [...] Ele percebera os cochichos de Caio no balcão, e concluíra que se tratava da desapareção da filha, de domínio público em toda a avenida.

Uma boa padaria, continua o português, não é só lugar de comprar pão, é um clube, um ponto de encontro, como as farmácias do interior. O senhor sabe quantas conversas rolam no balcão? Na minha padaria passam duas mil pessoas por dia e mais de três mil aos sábados e domingos. As padarias são muito úteis à polícia, explica Amadeu.

Se o Caio e o Amadeu são informantes, espias devem estar em toda parte, raciocinou K., perplexo. É verdade que quando chegou ao Brasil em 1935, fugido da polícia polaca, os patrícios o alertaram contra os espias de Getúlio, *zeizainenumetum*, eles estão em toda a parte, advertiram em iídiche. Mas isso foi na época do fascismo. E eis os espias de novo em toda a parte (KUCINSKI, 2011, p. 29).

## CONCLUSÃO

O autor, Bernardo Kucinski, utiliza-se de sua narrativa para descrever diferentes vertentes da história que envolvem o caminho percorrido pelo seu pai – MajerKucinski – na busca por informações sobre o paradeiro de sua irmã – Ana Rosa Kucinski. Para ele, a verdade histórica não é o que houve, mas o modo como a reunião dos fatos a respeito do que aconteceu se apresentaram e foram ficcionalizadas.

Utilizando-se de recursos estilísticos, como a polifonia Bakhtiniana, ele insere essas possibilidades no contexto da ficção romanesca. Citando Gustavo Bernardo, “a ficção não reproduz a realidade, antes levanta graves suspeitas sobre tudo aquilo que chamamos de realidade” (BERNARDO, 2010, p. 224). A grandeza desse texto literário

está na sua habilidade de envolver o leitor na vida moral e política, convidando-nos a pôr o que conhecemos sob suspeita, e sugerindo que a realidade não é aquela à qual temos sido apresentados até agora. Somos confrontados com a extensão da variedade humana e com o valor desta variedade. A literatura não copia a realidade e a reproduz, ela é resultado de um complicado processo de reelaboração de diferentes possibilidades como exemplificam, tanto o livro de Kucinski, quanto o texto acima à luz da teoria de Bakhtin.

## REFERÊNCIAS

SELIGMANN-SILVA, Márcio. A catástrofe do cotidiano, a apocalíptica e a redentora: sobre Walter Benjamin e a escritura da memória. In: DUARTE, Rodrigo; FIGUEIREDO, Virginia (Org.). *Mimesis e expressão*. Belo Horizonte: UFMG, 2001.

BAKHTIN, Mikhail. *Questões de Literatura e de Estética: a teoria do romance*. Trad. Aurora Fornoni Bernadini et al. 4. ed. São Paulo: Unesp; Hucitec, 1993.

KUCINSKI, Bernardo. *K. – Relato de uma busca*. 2a reimpressão – São Paulo: Cosac Naify, 2014.

BEZERRA, Paulo. Polifonia. In: Brait, Beth (Org.) *Bakhtin: conceitos-chave*. 5. Ed – São Paulo: Contexto, 2012.

SARTRE, Jean-Paul. *Que é a literatura?*. Trad. de Carlos Felipe Moisés. São Paulo: Ática, 1989. p. 21.

BERNARDO, Gustavo. *O Livro da Metaficção*. Rio de Janeiro: Tinta Negra, 2010. p. 224.